

Jogos Olímpicos Rio 2016: uma análise qualitativa de reportagens sobre mulheres atletas

Lucimara Fabiana Fornari¹, Rafaela Gessner¹, Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca¹, Danyelle Leonette Araújo dos Santos¹, Emiko Yoshikawa Egry¹

¹Departamento de Enfermagem em Saúde Coletiva Universidade de São Paulo, Brasil.
lucimaraforanari@usp.br; rafaellagessner@usp.br; rmgsfon@usp.br; danyleonette@gmail.com;
emiyegri@usp.br

Resumo. Objetivou-se identificar as tendências de reiteração ou superação das desigualdades de gênero em matérias sobre mulheres atletas publicadas em jornais brasileiros. Pesquisa exploratória, descritiva, de abordagem qualitativa, baseada na Teoria de Intervenção Prática de Enfermagem em Saúde Coletiva. Os dados foram coletados a partir de reportagens publicadas nos cadernos especiais sobre as Olimpíadas Rio 2016 de dois jornais brasileiros de circulação nacional. Foram selecionadas 51 reportagens. Os textos foram submetidos à Análise de Conteúdo e os dados processados no Software WebQDA. A cobertura midiática reproduziu padrões sexistas socialmente construídos ao retratar as atletas utilizando características femininas estereotipadas. Ademais, apontou desigualdades de gênero ao descrever situações de violência contra as atletas perpetradas por membros das equipes técnicas e torcedores. Apesar da visibilidade dada ao protagonismo das atletas, a mídia tendeu a produzir e reproduzir estereótipos de gênero. Nesse âmbito é necessário desconstruir e enfrentar as desigualdades entre homens e mulheres.

Palavras-chave: Gênero; pesquisa qualitativa; imprensa escrita; WebQDA.

Olympic Games Rio 2016: a qualitative analysis of reports on female athletes

Abstract. The objective of this study was to identify the trends of reiteration or overcoming of gender inequalities in the subjects on female athletes published in Brazilian newspapers. Exploratory research, descriptive, qualitative approach, based on the Theory of Praxic Intervention of Collective Health Nursing. The data were collected from reports published in the special books on the Rio 2016 Olympics of two Brazilian newspapers with national circulation. 51 reports were selected, which were submitted to the Content Analysis and the data processed in the WebQDA Software. Media coverage reproduced socially constructed sexist patterns by portraying athletes using stereotyped female characteristics. Pointed to gender inequalities in describing situations of violence against athletes perpetrated by members of technical teams and fan. Despite the visibility given to the protagonism of the athletes, the media tended to produce and reproduce gender stereotypes, is necessary to deconstruct and confront the inequalities between men and women.

Keywords: Gender; qualitative research; written press; WebQDA.

1 Introdução

No transcorrer da história dos jogos olímpicos, a inserção de atletas mulheres apresentou um crescimento contínuo. Contudo, apenas na edição dos jogos de Londres, em 2012, todos os países participantes contaram com pelo menos uma representante mulher em suas delegações. Além da maior inclusão das mulheres no evento, também pode ser percebido o destaque dado pela cobertura midiática internacional a essas atletas (Coche & Tuggle, 2016).

Estudo norte americano que investigou a cobertura televisiva dos jogos olímpicos de Londres 2012 identificou que a transmissão dos eventos coletivos femininos representou 53% do tempo total da programação em horário nobre, comparado ao total de 35% do tempo atribuído aos eventos coletivos masculinos. No entanto, os autores analisam esse achado com um profundo ceticismo, pois

embora a cobertura recebida pelos eventos femininos tenha sido maior, ela ainda está relacionada a esportes socialmente aceitos para mulheres, como a ginástica artística (Coche & Tuggle, 2016).

Essa ressalva corrobora as afirmativas de Goellner (2016), que entende o esporte como um espaço de produção de corpos genericados, devido à construção cultural em que se inserem discursos, valores e práticas que determinam as representações de masculinidade e feminilidade. Além disso, no mundo esportivo, há uma demasiada restrição às mulheres que se distanciam da representação social associada à feminilidade.

Embora no cenário atual a participação de mulheres nos eventos olímpicos tenha adquirido maior visibilidade, não se pode afirmar que atletas homens e mulheres tenham as mesmas oportunidades. Os preconceitos sofridos por mulheres atletas ainda não foram superados, pois é evidente nos eventos esportivos a representação normalizada de feminilidade, bem como, a erotização dos corpos femininos de modo a exaltar seus atributos físicos e a sensualidade (Goellner, 2016).

Acompanhando o avanço em relação à participação feminina nos eventos esportivos, a edição de 2016 dos jogos olímpicos, realizada no Rio de Janeiro, foi considerada um marco, pois teve a maior porcentagem de participação de atletas mulheres (45% de mulheres e 55% de homens). Essa mesma característica também foi observada na delegação brasileira que, nesta edição, foi a maior da história, contando com a participação de 465 atletas, dos quais 256 eram homens (55%) e 209 mulheres (45%) (Brasil, 2016).

Embora cada vez mais sejam requisitados espaços de igualdade para homens e mulheres, no âmbito esportivo, especificamente no contexto dos jogos olímpicos, as mulheres ainda estão em condição de subalternidade. Nesse sentido, a mídia apresenta-se como importante ferramenta capaz de reforçar as diferenças de gênero presentes na sociedade e, conseqüentemente, no meio esportivo, a depender do modo como é feita a cobertura sobre os jogos olímpicos e o desempenho dos atletas. Apesar de alguns estudos terem como proposta analisar a cobertura midiática de eventos olímpicos (Delorme & Testard, 2015; Coche & Tuggle, 2016; Goellner, 2016), eles se restringem ao âmbito internacional, sobretudo na América do Norte e, raramente, empreendem uma análise de gênero.

Assim, questiona-se: qual o teor das matérias publicadas em jornais brasileiros em relação à participação das mulheres atletas nos jogos olímpicos Rio 2016? O presente estudo teve por objetivo identificar as tendências de reiteração ou superação das desigualdades de gênero nas matérias sobre mulheres atletas publicadas em jornais brasileiros.

2 Metodologia

Trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva de abordagem qualitativa, com base na Teoria de Intervenção Prática de Enfermagem em Saúde Coletiva (TIPESC). A TIPESC propõe um modo sistematizado para captação, interpretação, intervenção e reinterpretação dos fenômenos sociais associados ao processo saúde-doença, considerando suas expressões nas dimensões singular, particular e estrutural da realidade objetiva, associadas aos processos de produção e reprodução social no contexto coletivo (Egry, 1996).

As dimensões buscam o reconhecimento das distintas partes dos fenômenos sociais, no sentido de expor a relação dialética entre elas. A dimensão estrutural está relacionada à capacidade produtiva, às relações de produção, à formação econômica e social e suas derivações político-ideológicas. A dimensão particular está associada aos processos de reprodução expressos nos grupos sociais. A dimensão singular está ligada aos processos que geram o adoecimento e a morte, podendo também envolver os processos de trabalho específicos de determinada instituição (Egry, 1996).

Nesta pesquisa, adotou-se o recorte analítico de gênero e violência de gênero. A categoria gênero está fundamentada na diferença entre os sexos, elemento indispensável das relações sociais, assim

como representa um fator primordial para a construção de significados sobre as relações de poder. Como componente das relações sociais, a diferença sexual pode estar vinculada a quatro elementos: aos símbolos culturalmente disponíveis, aos conceitos normativos, às instituições e organizações sociais e à construção de identidades subjetivas (Scott, 1995).

A categoria violência de gênero está relacionada à naturalização da desigualdade entre homens e mulheres, associada às categorias hierárquicas historicamente construídas que determinam as diferenças entre os sexos, legitimando a subalternidade das mulheres nas relações de gênero, qualificadas como inferiores devido às diferenças biológicas no que se refere aos homens (Guedes & Fonseca, 2011).

Esta pesquisa é um estudo bibliográfico realizado a partir das reportagens publicadas na sessão dos cadernos especiais sobre as Olimpíadas Rio 2016 em dois jornais brasileiros de circulação nacional. Justifica-se a escolha desses jornais por estarem entre os cinco jornais de circulação nacional mais lidos no ano de 2015 (Associação Nacional de Jornais, 2016) e por apresentarem cadernos especiais sobre os jogos olímpicos brasileiros. O jornal A foi consultado no formato impresso e o jornal B na sua versão online. Não foi possível acessar o conteúdo completo do caderno especial referente aos jogos olímpicos na versão impressa do Jornal B, no entanto, isso não se caracterizou como uma limitação, pois esse conteúdo foi consultado na íntegra na versão online do jornal.

As reportagens selecionadas foram publicadas no período de 25 de julho a 22 de agosto de 2016, período que compreende a abertura e o encerramento das Olimpíadas Rio 2016. Foi realizada coleta de dados piloto com vistas à discussão e à elaboração de um instrumento estruturado para a captação e a sistematização dos dados. Esse instrumento identifica cada reportagem com o número índice, o título, a dimensão relativamente ao número de linhas, a presença ou ausência de fotografia, a data da publicação, o sexo do autor, os discursos contidos nas reportagens e a correspondência com o referencial teórico do estudo.

A coleta dos dados do jornal A foi realizada no mês de dezembro de 2016 e a do jornal B em janeiro de 2017. Três revisores independentes efetuaram a leitura dos títulos das reportagens, das manchetes, dos leads e das imagens publicadas nos cadernos especiais *Olimpíadas Rio 2016*. Foram selecionadas publicações cujas personagens centrais fossem mulheres atletas. Inicialmente, foram escolhidas 46 reportagens no jornal A e 40 reportagens no jornal B, que foram lidas integralmente. Dessas, foram excluídas as publicações de caráter eminentemente informativo, como as que expressavam somente os resultados das partidas e a tabela dos próximos jogos das atletas. Considerando os critérios estabelecidos, obteve-se um total de 26 reportagens do jornal A e 25 do jornal B, totalizando um total de 51 reportagens.

Os discursos das reportagens selecionadas foram submetidos à análise de conteúdo temática de Bardin (2011), constituída pelas etapas de pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados, interpretação e inferência. Para proporcionar maior fidedignidade às análises realizadas também foi utilizado o Software WebQDA. Esse Software possibilita a organização e gestão dos dados coletados por meio de diferentes formatos (texto, imagem, áudio e vídeo), a colaboração entre os pesquisadores, a acessibilidade ao trabalho realizado de modo coletivo, a seleção e organização das categorias empíricas, a descrição dos resultados a partir da pergunta de pesquisa, sendo uma importante ferramenta para armazenamento dos dados (Lopes, Vieira & Moreira, 2013). Neste estudo, as imagens foram combinadas com os trechos das reportagens. Deste modo, pontua-se a necessidade de uma análise aprofundada das figuras, a partir de referenciais e técnicas de análise de imagens específicas.

Adotou-se o termo *reportagem* para identificar todos os textos publicados nos dois jornais. Os trechos reproduzidos neste manuscrito serão identificados com as letras A e B, representando o jornal do qual o trecho foi destacado, seguido por algarismos arábicos para indicar sua sequência.

Salienta-se que, pelo fato de terem sido utilizados dados secundários, publicados na mídia de livre acesso, este estudo não exigiu apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa.

3 Resultados

O conteúdo das reportagens, assim como seus títulos enfatizavam as vitórias ou as derrotas, geralmente descritas como falhas, das atletas mulheres. Relativo às figuras, no Jornal A, 20 reportagens continham imagens e no Jornal B, todas as reportagens apresentaram imagens. Em relação ao número de linhas, as reportagens do Jornal A tiveram entre 32 e 171 linhas, enquanto as do Jornal B continham entre 14 e 81 linhas.

Quanto à autoria, no Jornal A, 18 reportagens foram redigidas apenas por autores do sexo masculino, quatro por autores do sexo feminino e duas foram escritas conjuntamente por homem e mulher. O mesmo padrão repetiu-se no Jornal B, sendo 15 reportagens escritas por autores homens, duas por mulheres, quatro foram escritas conjuntamente por homem e mulher e três não tiveram a autoria divulgada.

Dos discursos selecionados emergiram quatro categorias: A representatividade das mulheres nos jogos olímpicos; A fragilidade feminina na plataforma dos campeões; O reconhecimento da mulher a partir da superação do desempenho masculino; A violência contra a mulher ganhando espaço na pauta esportiva.

3.1 A representatividade das mulheres nos jogos olímpicos



Fig. 1. Imagem ilustrando vitória da atleta. (A19)



Fig. 2. Imagem ilustrando novamente vitória da atleta. (B25)

As reportagens analisadas destacaram, de modo geral, a participação de mulheres atletas e dos seus feitos evidenciados nos jogos olímpicos Rio 2016, independente da modalidade esportiva. Dentre os

feitos, pode-se destacar o pioneirismo na conquista de medalhas, nos recordes alcançados e na inserção de mulheres em esportes que são predominantemente masculinos.

Os Jogos do Rio vêm se destacando pela abundância de heroínas [...]. (B11)

Ela será a segunda mulher na história da participação brasileira a conduzir a bandeira. (A7)

A judoca conquistou a medalha de bronze na categoria meio-pesado e se tornou a primeira mulher a obter dois pódios em Olimpíadas pelo judô do Brasil. (B7)

3.2 A fragilidade feminina na plataforma dos campeões



Fig. 3. Imagem ilustrando derrota e emoção das atletas. (A26)



Fig. 4. Imagem ilustrando vitória e emoção de atletas. (B8)

Nesta categoria, as reportagens selecionadas descreveram as atletas a partir dos padrões de feminilidade histórica e socialmente construídos. Apesar de os jogos olímpicos representarem um contexto de disputa, observa-se que a redação das reportagens tende a destacar as características femininas relacionadas à fragilidade.

[...] Ela tem um jeito delicado, quase angelical e parece mais jovem do que seus 31 anos. (A17)

No alto do pódio, ouvindo o hino da Hungria, ela parecia inofensiva, vulnerável. (B23)

Salienta-se que, durante a análise das reportagens, sobressairam trechos que descrevem a figura da atleta associada ao choro, tanto nos momentos de vitória como de derrota, reforçando o estereótipo da mulher como sensível e emotiva.

Conquistou a medalha de ouro e chorou compulsivamente após a vitória. (A11)
O resultado final de quinto lugar a fez deixar o tatame aos prantos. (A14)

3.3 O reconhecimento da mulher a partir da superação do desempenho masculino



Fig. 5. Imagem de torcedora exaltando nome de atleta feminina. (A25)

As reportagens constantemente comparavam os resultados femininos ao desempenho de atletas do sexo masculino, independente de ser na mesma modalidade olímpica ou não. Dessa forma, a atleta é reconhecida mediante a superação de um desempenho ou de resultados similares conquistados por atletas homens.

A torcida retribuiu a atuação dela com um sonoro "ah, é melhor que Neymar". (A10)

A ginasta descarta comparações com os maiores nomes do esporte na atualidade. "Não sou a próxima Bolt, a próxima Phelps. Sou a primeira Simone Biles.". (A18)

Esse aspecto também pode ser percebido no processo de treinamento das atletas, no qual é destacado de maneira positiva o preparo físico que garante a elas uma aparência e um desempenho equivalente ao masculino, conforme trecho a seguir:

A nova fase a fez brotar mais forte, quase masculinizada, porém letal. (B15)

3.4 A violência contra a mulher ganhando espaço na pauta esportiva



Fig. 6. Imagem representando violência de gênero. (A20)

No corpus investigado constatou-se que a violência contra a mulher recebe destaque de duas maneiras. A primeira é quando as reportagens descrevem as situações de violência vivenciadas pelas atletas:

"Não é possível alguém desejar que você seja estuprada ou que morra. Não precisa gostar de mim, mas é necessário ter respeito", desabafou a atleta. (A12)

A húngara é treinada pelo marido que chama a atenção pelo jeito como reage nas provas dela, tido como severo, já a repreendeu veementemente em público. (B6)

A segunda maneira identificada se mostra quando as reportagens perpetuam a violência de gênero contra as atletas:

As duas goleiras de quase 100 kg "tapam" o gol com o tamanho avantajado. (A20)

A vitória da húngara virou notícia quando um comentarista do canal americano NBC se referiu ao seu marido como "o homem responsável" pela conquista. (B11)

5 Discussão

A cobertura midiática sobre as atletas olímpicas reflete, de modo geral, o aumento da participação feminina na competição. A edição Rio 2016 foi considerada um marco, pois contou com o maior número de mulheres atletas inscritas na história dos jogos. Esse fato acarretou maior visibilidade feminina, o que pode ser constatado nas reportagens relacionadas ao evento, nas quais se destacavam de modo positivo as conquistas das mulheres.

Ademais, constatou-se o protagonismo das atletas nas olimpíadas Rio 2016, principalmente no que se refere à participação e à conquista de medalhas inéditas em diferentes modalidades esportivas, como no judô, na natação e no atletismo. Todavia, Delorme, & Testard (2015) alertam que a maior visibilidade das atletas na mídia durante os jogos olímpicos se deve ao fato de ser um evento esportivo de significativa repercussão mundial. Assim, tanto os resultados positivos quanto os negativos são revelados independente do sexo dos competidores.

A mídia impressa brasileira pesquisada destacou, na maioria de suas reportagens, as conquistas positivas das atletas. Esse resultado corrobora estudo realizado por Andújar (2014), no qual 66,35% das reportagens publicadas em jornais esportivos estiveram associadas às vitórias e 11,5% às derrotas das mulheres.

Além de relatar os resultados dos jogos olímpicos, os dados também mostraram que parte dos discursos das reportagens analisadas reproduzem padrões sexistas socialmente construídos e que reforçam os estereótipos de gênero. Retratam as atletas por meio de características estereotipadas correspondentes ao sexo feminino, como sensibilidade, fragilidade e delicadeza. Corroborando esse pensamento, pesquisadores identificaram que as mulheres que praticam atividade física frequentemente são descritas pela sua forma e beleza corporal, enquanto os homens são representados pela virilidade e invencibilidade (Pereira, Pontes, & Ribeiro, 2014).

O retrato elaborado pela mídia para cada sexo se expressa de forma generificada, influenciando no modo como as mulheres são vistas nos esportes. Nesta pesquisa, observa-se a reprodução das representações femininas relacionadas à sensualidade, beleza e graciosidade das atletas. Portanto,

verifica-se a capacidade que a mídia tem de construir e renovar a imagem estereotipada de um ideal de feminilidade (Romero, Pereira, Miragaya, & Sant'Anna, 2014).

Além disso, observou-se um número significativo de reportagens que pontuaram o choro manifestado pelas atletas, seja em situações de derrotas, devido à insatisfação pelo resultado, assim como diante das vitórias, relacionando o choro à emoção gerada pela conquista. Vale salientar que a importância atribuída ao choro nas reportagens analisadas revela a necessidade de apresentar uma imagem feminina estereotipada, vinculada à vulnerabilidade, mesmo nas situações em que as atletas foram recordistas ou medalhistas olímpicas. Esse fato, além de reforçar a concepção de que as mulheres são *naturalmente* emotivas, apresenta como contradição a força e a fragilidade de uma mesma atleta que alcançou o auge de sua carreira.

Em contrapartida, os atletas homens raramente são retratados em imagens que denotam choro, decepção ou emotividade, e quando essas são divulgadas aparecem em menores dimensões (Pereira, Pontes, & Ribeiro, 2014). Sob essa perspectiva, é importante destacar que a maior parte dos autores das reportagens são do sexo masculino. Os autores pressupõem uma tendência generificada para a descrição das atletas nos textos, imagens e comentários de cunho jornalístico, na medida em que as mulheres frequentemente são apresentadas enquanto objetos sexuais e não como atletas competitivas (Romero, Pereira, Miragaya, & Sant'Anna, 2014).

Outro aspecto que influencia o retrato das mulheres nas reportagens é a concepção de que a maioria das modalidades esportivas é percebida como tipicamente masculinas. Assim, cabe às mulheres praticar esportes mais próximos da arte e da estética (Cardoso, Marinho, & Pimentel, 2013), como ginástica e nado sincronizado.

Estudo realizado no Reino Unido analisou a cobertura televisiva dos eventos nos quais havia participação de mulheres e identificou que eram majoritariamente de esportes considerados femininos, como a ginástica (Coche & Tugle, 2016). Todavia, observa-se que a mídia brasileira analisada nesta pesquisa destacou o desempenho das atletas praticantes de esportes percebidos como masculinos, por exemplo, o judô e o futebol.

Assim, é possível afirmar que essa questão pode estar relacionada à cultura futebolística característica dos brasileiros. Porém, ao analisar sob a perspectiva de gênero, percebe-se que, mesmo quando recebem cobertura de destaque, as atletas de esportes percebidos como masculinos são frequentemente comparadas aos homens e descritas a partir de estereótipos de masculinidade.

Além disso, nas reportagens analisadas, embora as atletas sejam valorizadas pela sua atuação durante os jogos, quando demonstram um desempenho satisfatório, têm seu resultado associado à superação de um resultado masculino. Esse aspecto foi observado principalmente na modalidade do futebol, quando uma das principais jogadoras da seleção feminina é citada como melhor do que um dos astros do futebol mundial masculino.

Estudo realizado por Ferreira, Salles & Mourão (2015) com mulheres treinadoras de atletas, verificou que pelo fato de pertencerem ao sexo feminino elas sentiam a necessidade de apresentar uma preparação superior à masculina, pois precisavam estar capacitadas para enfrentar e resistir diante de qualquer situação. Além disso, relatavam a sensação de desconfiança sobre sua competência e de provação pela posição ocupada.

Do mesmo modo, a cobrança das atletas não está restrita aos resultados das competições, mas também à postura apresentada durante os treinos e as disputas. Destacam-se atitudes que expressam força e agressividade como elementos fundamentais para a conquista de vitórias. Esse aspecto foi similarmente identificado entre as treinadoras brasileiras, que referiram à garantia de liderança atrelada à imagem sensível de feminilidade e ao padrão comportamental agressivo de masculinidade (Ferreira, Salles, & Mourão, 2015).

O esporte, como elemento constituinte da sociedade, pode ser compreendido como um espaço propício para produção e reprodução de padrões de masculinidade, além de ser uma instituição que

apresenta a possibilidade de perpetrar de modo simbólico atitudes de caráter patriarcal (Romero, Pereira, Miragaya, & Sant'Anna, 2014). Neste contexto, constatou-se que a cultura esportiva é capaz de reforçar as diferenças e hierarquias de gênero, nas quais os corpos femininos são subalternizados aos masculinos. Assim, reitera-se o aspecto de que a representação do esporte é exercida por homens e veiculada na mídia para o sexo masculino (Goelner, Silva, & Gomes, 2013).

A mídia impressa analisada nesta pesquisa retratou as desigualdades de gênero implícitas nos jogos olímpicos e descreveu situações de violência contra as mulheres atletas, geralmente perpetradas pelos membros das equipes técnicas e pelos torcedores. A violência perpetrada pela própria mídia restringiu-se a um dos jornais, no qual atletas que não correspondiam ao padrão de beleza feminina foram insultadas. Diante disso, verifica-se a necessidade de medidas de intervenção para enfrentamento das desigualdades de gênero na mídia esportiva.

6 Conclusões

As reportagens analisadas nesta pesquisa tendem a salientar a visibilidade das mulheres e o seu protagonismo nos jogos olímpicos. Embora nos cadernos esportivos selecionados as atletas receberam destaque, questiona-se se esse reconhecimento também seria encontrado nas sessões esportivas em outros períodos do ano. Pois, por ser um período de expectativa pelo bom desempenho do país na competição, pode-se supor que, durante as olimpíadas, exista uma amenização das desigualdades de gênero das reportagens publicadas sobre atletas homens e mulheres como protagonistas.

Mesmo quando dada visibilidade ao protagonismo das atletas, identifica-se a produção e reprodução dos estereótipos de gênero. Portanto, compreende-se a necessidade de desconstrução e o enfrentamento das desigualdades entre homens e mulheres, que não se restringem às atitudes individuais, mas à coletividade. Assim, as mudanças desejadas para o alcance da equidade entre os sexos estão situadas nas diferentes áreas da sociedade, como no esporte e na mídia.

No que se refere ao método, no que tange à Tipesc foram realizadas as duas primeiras etapas: a captação e a interpretação da realidade objetiva. A utilização do software WebQDA foi crucial para o trabalho dos revisores de maneira colaborativa, simultânea e online. Também, destaca-se que a possibilidade de utilização de textos e figuras, concomitantemente, foi importante para a emergência das categorias empíricas, garantindo fidedignidade aos dados analisados à luz das categorias gênero e violência de gênero.

Referências

- Andújar, C.S.B. (2014). Las mujeres en la prensa deportiva: dos perfiles. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 14(1), 91-102.
- Associação Nacional de Jornais. (2016). Retrieved from: <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Brasil. (n/d). Confira os números da delegação brasileira nos jogos Rio 2016. Retrieved from: <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/noticias/confira-os-numeros-da-delegacao-brasileira-nos-jogos-rio-2016>

- Cardoso, F.L., Marinho, A., & Pimentel, G.G.A. (2013). Questões de gênero em universitários praticantes de esportes de aventura. *Rev. Educ. Fis/UEM*, 24(4), 597-608.
- Coche, R., & Tuggle, C.A. (2016). The women's olympics? A gender analysis of NBC's coverage of the 2012 London Summer Games. *Electronic News*, 10(2), 121-138.
- Delorme, N., & Testard, N. (2015). Sex equity in French newspaper photographs: a content analysis of 2012 Olympic Games by L'Equipe. *European Journal of Sport Science*, 15(8), 757-763.
- Egry, E.Y. (1996). *Saúde Coletiva: Construindo um novo método em enfermagem*. São Paulo: Cone Editora.
- Ferreira, H.J., Salles, J.G.C., & Mourão, L. (2015). Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil. *Rev. Educ. Fis/UEM*, 26(1), 21-29.
- Goellner, S.V., Silva, P., & Gomes, P.B. (2013). A sub-representação do futebol praticado por mulheres no jornalismo esportivo de Portugal: um estudo sobre a Algarve women's football cup. *Movimento*, 19(3), 171-89.
- Goellner, S.V. (2016). Jogos olímpicos: a generificação de corpos performantes. *Rev USP*, 108, 29-38.
- Guedes, R.N., & Fonseca, R.M.G.S. (2011). A autonomia como necessidade estruturante para o enfrentamento da violência de gênero. *Rev Esc Enferm USP*, 46(2), 1731-1735.
- Lopes, S.F., Vieira, R.M., & Moreira, A. (2013). WEQDA na análise qualitativa de interações no contexto de uma oficina de formação de professores. *Indagatio Didactica*, 5(2), 110-121.
- Pereira, E.G.B., Pontes, V.S., & Ribeiro, C.H.V. (2012) Jogos olímpicos de Londres 2012: brasileiros e brasileiras em foco. *Rev. Educ. Fis/UEM*, 25(2), 257-271.
- Romariz, S.B., Devede, F.P., & Votre, S. (2007) Atleta, substantivo feminino: as mulheres brasileiras nos jogos olímpicos. *Movimento*, 13(1), 207-216.
- Romero, E., Pereira, E.G.B., Miragaya, A.M.F., & Sant'Anna, K.B.S. (2014). Fotos e legendas na mídia esportiva: o caso das atletas. *Salusvita*, 33(3), 285-308.
- Scott, J.W. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2), 71-99.
- Uchoga, L.A.R., & Altmann, H. (2016). Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. *Rev Bras Ciênc Esporte*, 38(2), 163-70.